

AUTO ESTIMA DOS ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA E A INFLUÊNCIA NO DESEMPENHO ACADÊMICO: UMA EXPERIÊNCIA DO PIBEX

Maria Marcela Lima de Moura¹
Rodrigo Rocha da Costa²
Cláudia Daniele Barros Leite Salgueiro³

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, tem sido crescente o número de alunos com dificuldades de aprendizagem e baixo estímulo para estudar. Para que haja uma aprendizagem efetiva, são determinantes algumas condições básicas, como uma boa alimentação, um bom estado de saúde e um bem-estar físico. O indivíduo deve ser estimulado a aprender, livre de repreensão ao errar, a sentir-se aceito e valorizado pelo seu potencial. No entanto, segundo Fonseca (1995), a aprendizagem vai além da noção de comportamento; nela, estão implícitos conceitos psicológicos importantes.

Atualmente, a autoestima é vista como um dos indicadores sociais fundamentais para a compreensão do crescimento e do progresso pessoal (Diogo, 2009). É um ponto decisivo a ser observado em um desenvolvimento pessoal sadio e completo em suas múltiplas áreas.

De acordo com os estudos de Brookover, Thomas e Patterson (1964), existe uma relação positiva entre autoestima e rendimento escolar. Uma das condições para o sucesso escolar é a manutenção de uma boa autoestima. Uma autoestima positiva está associada a um bom rendimento (Bermúdez, 2001). No âmbito escolar, Stevanato et al. (2003) relatam que crianças com dificuldades de aprendizagem podem ter uma imagem mais negativa de si quando comparadas a outras que não apresentam essa dificuldade. Os alunos que geralmente fracassam podem ter, em parte, um baixo autoconceito, acreditando serem incapazes ou maus estudantes (Guenther, 1997).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este trabalho trata-se de um recorte de um projeto de extensão ainda em curso e com mesmo título. É um estudo descritivo, exploratório com abordagem qualitativa dos dados. Utiliza-se a

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Matemática, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFPE (Campus Pesqueira), E-mail: mmlm@discente.ifpe.edu.br

² Estudante do Curso de Licenciatura em Matemática, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFPE (Campus Pesqueira) E-mail:

Doutora em Psicologia Clínica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFPE (Campus Pesqueira), claudia.leite@pesqueira.ifpe.edu.br

abordagem qualitativa por se entender que ela possibilita a apreensão do fenômeno em estudo em maior profundidade. Também, porque este tipo de estudo permite descrever e explorar aspectos de uma dada situação. Além disso, permite ao pesquisador aumentar sua experiência sobre o contexto, amparando-o no descobrimento de dados necessários que permitam o contato com uma determinada população, no intuito de obter os resultados desejados (GIL, 2009).

Participantes

Contou com a participação de 16 estudantes do curso de Licenciatura em Matemática, de uma Instituição Pública de Ensino Superior, localizada no agreste do estado de Pernambuco.

Os estudantes participantes eram matriculados no 1º período do curso de Licenciatura em Matemática, aceitaram participar da pesquisa, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Procedimento de coleta de dados

Os dezesseis participantes participaram ativamente de três processos de dinâmica de grupo temática: 1º momento: “Quem sou eu?”, 2º momento: “Quais as minhas relações com a matemática?”, 3º momento: “O que eu penso sobre o professor e o estudante de matemática?”.

Cada dinâmica de grupo temática ocorreu no período noturno, teve duração de cerca de 25 minutos e visava explorar a fala dos estudantes a partir da menção do título e dos comandos para participação em grupo.

Procedimento de análise das informações

Foi utilizada a técnica de *análise de conteúdo*, mais especificamente a *análise temática*. Segundo Minayo (2004, p. 209), a análise de conteúdo consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”.

DESENVOLVIMENTO**

Briggs (2002) define autoestima como a maneira pela qual um indivíduo se sente em relação a si mesmo, não se constituindo uma pretensão ostensiva, na medida em que há cultivo do autorrespeito e valor de si mesmo. Em suma, a autoestima se constitui em um juízo de valor expresso por meio de atitudes em face de si mesmo, sendo uma experiência subjetiva evidenciada aos outros através de relatos verbais e expressões públicas de comportamentos (Coopersmith, 1967; Defendi; Schelini, 2014). A autoestima se faz relevante na educação,

pois influencia a forma como o indivíduo estabelece suas metas e projeta suas expectativas para o futuro (Bednar; Peterson, 1995).

Indubitavelmente, a ideia que um indivíduo faz de si mesmo influencia diretamente o aprendizado escolar. Isto é, se ele se considerar incapaz, irá se comportar do mesmo modo, esperando falhar e deixando de acreditar na própria capacidade, assumindo o fracasso e a reprovação de si (Briggs, 2002).

Não obstante, raramente uma pessoa consegue ficar indiferente à matemática. Conhecida como a “rainha das ciências”, o encontro com esse campo de conhecimento é descrito por boa parte das pessoas como inesquecível. Consequentemente, por ser uma relação carregada de emoções, estas necessitam ser estudadas para serem utilizadas em diálogo com situações de ensino/aprendizagem. Ainda, na minimização de impactos negativos que os estudantes podem lidar, extrapolando o âmbito escolar.

A vida escolar também tem notável influência na autoestima dos indivíduos. Eles aprendem quem são por meio do tratamento recebido dos professores, do clima da sala de aula e das situações cotidianas (Guenther, 1997). Por muito tempo, estudos sobre aprendizagem não atentaram para as questões afetivas e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem ou a abordaram apenas como parte da socialização (Sisto; Martinelli, 2006).

De uma forma geral, o autoconceito forma-se com a percepção que temos de nós mesmos a partir da interação entre o “eu” e o meio social (Zacharias, 2012). Assim, apresenta um caráter descritivo – a autoimagem – e um avaliativo – a autoestima.

De acordo com Mosquera (1987), autoconceito é o que pensamos ser, envolvendo o indivíduo quanto ao seu caráter, status, aparência e necessidade de se projetar além do tempo. A autoimagem é como somos para nós mesmos. A partir da nossa autoimagem, enxergamos o mundo ao nosso redor.

A partir de um estudo correlacionando autoconceito, sucesso escolar e autoestima, foram concluídos que quanto maior a autoestima maior o autoconceito acadêmico (Formosinho; Pinto, 1986). A autoestima tem acentuada influência sobre o desenvolvimento intelectual, podendo tanto estimular e adiantar o processo de desenvolvimento da aprendizagem como diminuí-lo. Pode também determinar a motivação para o recebimento dos conteúdos e qual deles será o fator intelectual concentrado.

Para Briggs (2002), a autoestima constitui a “mola” que pode impulsionar para o sucesso ou o fracasso. No caso ora sinalizado, pode impulsionar positiva ou negativamente a atuação de futuros professores de matemática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Resultados e Discussões

Após a análise das respostas da entrevista, foram indentificados um total de 18 códigos nas narrativas das participantes e estes foram reduzidos aos temas dos encontros e 09 subtemas, estes, presentes no quadro:

<i>Tema 1: Quem sou eu?</i>	<i>Tema 2: Quais as minhas relações com a matemática</i>	<i>Tema 3: O que eu penso sobre o professor e o estudante de matemática</i>
1-Ainda não me conheço	1-Relações péssimas	1-Profissão de poucos e estudantes que podem enlouquecer
2-Não tenho autoestima	2-Nunca aprendi ou acho que não sei matemática	2-Existem professores que não sabem ensinar e alunos que não tem base e não aprendem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos nesta pesquisa, fazem-se algumas considerações fundamentais: em destaque, o fato de que os estudantes mencionam aspectos negativos relacionados às suas autoimagem e autoestima, também com relação às experiências com a matemática e o fato de que certos professores não conseguem ensinar matemática e que estudantes com falta de base na disciplina, não conseguem aprender.

Palavras-chave: auto estima, desempenho, matemática, psicologia, influência

REFERÊNCIAS

- BEDNAR, R.; PETERSON, S. Self-esteem: paradoxes and innovation in clinical theory and practice. Washington: American Psychological Association, 1995.
- BERMÚDEZ, M. P. Déficit de autoestima: evaluación, tratamiento y prevención en la infancia y adolescencia. Madrid: Ediciones Pirámide, 2001.
- BRIGGS, D. C. A autoestima do seu filho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BROOKOVER, W. B.; THOMAS, S. E.; PATTERSON, A. Self-concept of ability and school achievement. *Sociology of Education*, Michigan, East Lansing, v. 37, n. 3, p. 271- 278, 1964.
- COOPERSMITH, S. The antecedents of self-esteem. San Francisco: Freeman, 1967.
- DEFFENDI, Luma Tiziotto; SCHELINI, Patrícia Waltz. Relação entre autoestima, nível intelectual geral e metacognição em adolescentes. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 313-320, ago. 2014.
- DIOGO, F. V. Relação familiar e autoestima. *Investigação*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 17-24, jan./abr. 2009.
- FONSECA, V. Introdução às dificuldades de aprendizagem. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FORMOSINHO, J. O. E.; PINTO, C. A. Autoestima, autoconceito acadêmico, alienação e sucesso escolar. *Instituto de Estudos para o Desenvolvimento*, Lisboa, v. 2, n. especial, p. 129-144, maio 1986.
- GUENTHER, Z. C. Educando o ser humano: uma abordagem da psicologia humanista. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D.; JESUS, S. N.; HERMÍNIO, C. I. Universidade: autoimagem, autoestima e auto realização. *UNI revista*, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 1-13, abr. 2006. PIAGET, J. Psicologia da primeira infância. In: KATZ, D. Psicologia das idades. São Paulo: Manole, 1988. ROSENBERG, M. *Conceiving the self*. New York: Basic Books, 1979.
- SISTO, F.; MARTINELLI, S. O papel das relações sociais na compreensão do fracasso escolar e das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, F.; MARTINELLI, S. Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: Vetor, 2006. p. 26.
- STEVANATO, I. S.; LOUREIRO, S. R.; LINHARES, M. B. M.; MARTURANO, E. M. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2003.
- ZACHARIAS, J. Bem-estar docente: um estudo em escolas públicas de Porto Alegre. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.